

AS POTÊNCIAS DA ESCRITA A PARTIR DA MARGEM

SCHMIDT, Rita. *Descenramentos/Convergências: ensaios de crítica feminista*.
Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, 448 p.

O livro resenhado, intitulado *Descenramentos/Convergências*, tem sua primeira edição publicada em 2017, e compila os principais escritos da professora e pesquisadora Rita Schmidt. O livro abarca ensaios dispersos que foram publicados em diferentes veículos editoriais e momentos da trajetória acadêmica da pesquisadora. Já se expõe, nessa característica aglutinadora, uma das propriedades da obra: por meio de sua qualificada produção concentrada na relação entre estudos de gênero e literatura, o livro traz pontos culminantes da contribuição significativa que Schmidt concebeu (e ainda segue concebendo) ao âmbito das humanidades. Ao relevar, sobretudo, as potências dos escritos de autoria de mulheres postos à margem literária, *Descenramentos/Convergências* opera evidenciando como os mecanismos de exclusão e apagamentos tornaram não evidentes as forças e importância do escopo imagético e semântico das narrativas marginalizadas. Ao mesmo tempo, a coletânea apresenta como é possível reivindicar uma reescritura das memórias literárias nacionais ao notabilizar - e explorar, criticamente - esses escritos.

Na introdução do livro, intitulada “Itinerários: contextos, histórias, diferença”, Rita Schmidt narra pontos significativos de sua jornada pessoal enquanto acadêmica, professora e mulher, com a finalidade de realçar que os textos que integram o livro se originam de uma eminente caminhada política. Os diversos contextos apresentados revelam decisões sempre pautadas numa ética humanista e em um trabalho que privilegiava uma discussão que a academia ainda pouco abrangia - ou se interessava. Com fôlego, as histórias de cunho pessoal presente nos quatro tempos que estruturam a introdução denotam que a autora dos ensaios reunidos em *Descenramentos/Convergências* tem mais do que uma produção bibliográfica, mas uma produção crítica dada por uma postura que, por vezes, foi interpretada como destoante em uma série de espaços, inclusive no ambiente universitário. A partir de uma ótica que não estava calcada em um pensamento predominantemente masculino, linear e cêntrico, Rita Schmidt mostra, no esboço de sua introdução, como as decisões e escolhas inerentes a sua trajetória se atrelam aos escritos presentes no livro, e de como sua atuação política-pessoal sempre esteve para além dos inúmeros artigos, capítulos de livros, e livros publicados por ela. Uma história de vida que, definitivamente, se pauta por descentrar daquilo que é tido como violentamente verídico e inquestionável. Essa história é uma história de busca por convergências – dadas por meio de objetos de

estudo desviantes - que enriquecem e propulsam a discussão em torno da crítica feminista no Brasil e no exterior.

Na primeira parte do livro, há pertinentes reflexões acerca da historiografia literária, destacando que a suposta crise literária apontada pelas perspectivas tradicionais do fazer crítico “não parece sinalizar o fim da história da literatura: pelo contrário, fomenta um debate vigoroso sobre a necessidade de reconfigurar seus modelos e métodos” (SCHMIDT, 2017, p. 124). Nessa esteira de pensamento, outras questões são suscitadas por Schmidt, de modo a problematizar um protagonismo literário que advém de escritos postos à margem. Essas escrituras, cujas forças narrativas são complexas e bem arquitetadas, possuem nítido potencial e igual qualidade para serem inscritas na memória social e cultural da historiografia literária brasileira.

A autora detalha e chama a atenção para o fato de que, no período oitocentista, muitas das obras de autoria de mulheres foram publicadas no Brasil. Nomes como os de Júlia Lopes de Almeida e Maria Firmina dos Reis, por exemplo, acabaram omitidos e desmemoriados da memória literária nacional, bem como da historiografia literária do país. Conseqüentemente, é a partir do estudo dos romances de autoras que tiveram suas obras publicadas no mesmo período em que predominantemente só autores e artistas homens foram aclamados e consagrados, que Schmidt erige questionamentos e reflexões que intentam “perturbar a ilusão de consenso que exclui a diferença”, o que imediatamente coloca os ensaios do livro em uma posição em que o conhecimento é produzido para intervir, para deslocar, paradesestabilizar códigos rígidos daquilo que determina o que possui valor e o que não possui valor, ou o que deve ser parte da narrativa literária brasileira (ou do sistema literário brasileiro, para alguns) e o que não deve ser.

No primeiro ensaio, “Mulher e Literatura”, Rita Schmidt destaca a noção de que “a arte literária mantém uma relação dialética com a realidade não verbal, com a realidade situada fora do universo linguístico” (SCHMIDT, 2017, p. 40). É nessa concretização dramática que Rita Schmidt quer pensar como as atitudes em relação à mulher e de que modo “as fantasias predominantes de uma cultura” (SCHMIDT, 2017, p. 41) fortalecem apenas uma faceta da tradição literária, isto é, os parâmetros que regem a tradição dominante. Isto posto, o artigo analisa as oscilações da representação da mulher na literatura em momentos importantes da história literária, levantando a problemática do “código retórico da literatura” (SCHMIDT, 2017, p. 52) enquanto código ideológico, traduzido, nas palavras da autora, como “um sistema de valor que atribui peso semântico e simbólico à experiência masculina e, conseqüentemente, menospreza e trivializa a experiência feminina” (SCHMIDT, 2017, p. 52). No questionamento dessa normatização, a teórica apresenta como as personagens mulheres e o “feminino” no prisma literário sempre foram tratados como avesso, sobretudo nas obras que ocupam uma posição de destaque no âmbito literário. Diz Schmidt que “a tradição literária canonizou textos tidos como obras-primas por dramatizarem verdades humanas universais; todavia tais verdades aparecem como tal por causa de sua congruência com a ideologia dominante” (SCHMIDT, 2017, p.

53), o que resulta em um evidente distanciamento de uma pertinente problemática em torno da mulher, posto que as dimensões dominantes orientadas estão para uma lógica falocêntrica que desconsidera uma leitura crítica das vozes ex-cêntricas. Por esse motivo, os textos do livro sugerem a importância de “repensar a dinâmica social da literatura”, com o intuito de revitalizar e buscar novas acepções para as nossas leituras (literárias, culturais) de mundo, não as encarcerando unicamente na perspectiva patriarcal de reflexão e produção. A crítica feminista faz esse movimento que propulsa a formação de novos conhecimentos, do surgimento de outros contextos e da expansão de diferentes áreas de atuação. Com os debates propiciados pela crítica feminista, abre-se a possibilidade para a redefinição das relações, bem como para o alargamento de distintos ângulos. Há a ocorrência, portanto, de um acréscimo e de um processo que agencia uma transformação no e a partir dos Estudos Literários em sua fricção com a Crítica Feminista.

No segundo ensaio, intitulado “Recortes de uma história: a construção de um fazer/saber”, Rita Schmidt parte da premissa de que “toda a atividade de interpretação mantém profundas relações com a política, com as estruturas de poder e valor social pela qual organizamos e damos sentido à vida em sociedade” (SCHMIDT, 2017, p. 76), desenvolvendo seu texto em torno da sinalização de que mesmo em uma suposta neutralidade “literária”, condição essa que considera os estudos literários sobre a mulher panfletários e exageradamente políticos, há um viés normativo com vistas a conservar apenas um tipo de poder – o poder do homem, calcado no sexo masculino. Desconstituir verdades, interrogando-as e apresentando outras alternativas de pensamento, é também um exercício da crítica feminista, que se legitima justamente através dessa “força de intervenção nas representações e discursos hegemônicos que usurparam das mulheres suas funções de significação enquanto sujeitos, da história, do saber e da produção cultural” (SCHMIDT, 2017, p. 81). Com a mesma agudeza crítica, há também no texto uma evidente preocupação com a constante revitalização da própria crítica feminista, posto que, por meio de uma permanente atualização e intersecção entre os campos que a compõem, um comprometimento com o alargamento de novas fronteiras no trabalho de fazer/saber se coloca em primeiro plano, o que possibilita o reconhecimento de uma área de atuação sempre em processo, em movimento. A crítica feminista, nesse sentido, retifica sua função de estar sempre atenta às demandas culturais e sociais emergentes.

Pensar das margens, nesse sentido, é pensar sobre a cultura e a dominação e/ou sobre a cultura dominante. “Pensar das margens não é uma abstração”, salienta Schmidt (2017, p. 147), pois esse pensar está mais próximo de uma ação que visa “repensar a própria noção de cultura brasileira em sua identidade múltipla e diversa” (SCHMIDT, 2017, p. 164). Sendo assim, a intenção da obra é descentrar o pensamento no contexto da literatura nacional e de sua história e, similarmente, oportunizar a reescrita permanente da nação – como sugere um dos títulos de um dos ensaios do livro – com a intenção de pousar o olhar nos regulamentos e nas configurações que desenham o sujeito nacional em seu “sentido social, ético e estético” (SCHMIDT, 2017, p. 232). Na variedade de ensaios que têm o desígnio de intervir na construção de um

pensamento, *Descentramentos/Convergências* congrega considerações que agregam os campos da literatura e da psicanálise, do mesmo modo que aproxima, em um mesmo artigo, os campos da História e do Direito, extraindo uma adicional leitura contra a lógica discursiva de uma cultura tida como absoluta e imperante. Visitando e fazendo convergir diferentes campos do conhecimento, pode-se dizer que o foco dos ensaios potencializa e enriquece uma característica típica das publicações e das contribuições de Rita Schmidt no prisma literário: um pensamento que dá abertura para um lugar de descoberta e de imaginação daquilo que a teórica denomina de mundos possíveis, isto é, um lugar em que uma ética pautada na diversidade se coaduna com uma realidade que não é redutível, desfalecendo, desse modo, o discurso e a prática da exclusão.

As histórias de percurso do grupo de trabalho “A Mulher na Literatura”, cuja fundação teve a participação de Rita Schmidt, de igual modo são constantemente lembradas nos ensaios que compõem o livro. Os questionamentos e as escolhas de um campo de estudos que se desenhava no Brasil, e as responsabilidades que as membras do GT enfrentavam em seus contextos de atuação trazidos como ponto que impulsionou debates constantes e novas frentes de trabalho em todo país. A ideia de um papel precursor do GT “A Mulher na Literatura”, bem como passagens das reuniões do grupo nos Encontros da ANPOLL ou da ABRALIC se mostram como pontos fundamentais na compreensão da formação da área de estudos literários feministas no Brasil.

Com o mesmo pensamento não focalizado no centro, as violências simbólicas tanto nos espaços da família quanto nos espaços da mídia também são ponto de análise em um dos escritos de Rita Schmidt. Essa violência, que se estende ao modo como a crítica mais tradicional trata a crítica feminista no domínio literário, é objeto de investigação e de comparação da autora, que salienta que as violências são as mesmas, e que “(...) refletem os efeitos de uma estrutura de pensamento hegemônico que exclui, de seu campo de sentido e valor, o que pode nele provocar tensões, dissonâncias e deslocamentos” (SCHMIDT, 2017, p. 114). Nessa mesma perspectiva, a autora questiona os valores que são desenhados e disseminados pelo discurso tradicional da crítica literária brasileira, colocando em relevo a ideia de que algumas das vozes que ancoram esse discurso se filiam a um discurso mais conservador, legitimando toda a violência que dele advém. Um caminho em contraponto, para Schmidt, viria na forma de um intervir que “só será possível se nos articularmos em termos de uma produção crítica que incorpore, de forma dialógica, os referentes de nossas heranças culturais e de nossas tradições locais” (SCHMIDT, 2017, p. 114) no tratamento e no manuseio dos objetos de estudo e análise.

Ao se perguntar se a história da literatura tem gênero, Schmidt expõe as fragilidades nas quais a historiografia literária, especialmente no Brasil, lidou e tem lidado com algumas vozes que são dissonantes daquilo que foi delimitado e sacralizado como sendo “ideal” e “importante” no campo literário. Ao invalidar as vozes de corpos aviltados socialmente, a historiografia literária certifica uma modalidade de valoração que se alinha com paradigmas totalizantes e excludentes que não abertos

– e nem contemplam – à diversidade de discursos. Mais do que criticar e apontar fissuras naquilo que é considerado “cânone”, Schmidt expõe caminhos alternativos para a superação dessa condição, explicitando que é ao tratar a questão de gênero como um tópico de análise no sistema literário brasileiro que se tem a possibilidade de enriquecimento, do diálogo, e de uma história comparativa capaz de dialogar com tudo que já foi deixado de lado pela crítica literária. Para a pesquisadora, na fala do sujeito fora do centro há a elaboração de novas formas de se produzir cultura, e ao incidir sobre essas práticas, investigando-as, perscrutando-as, distintas significações são agregadas - com o mesmo peso de significações já validadas - no segmento social. Falar, expor, deixar com que as produções literárias singulares cheguem até os indivíduos para que assim um código de representação predominante e tomado como verídico seja questionado e contestado. Esse é o poder de fala de um objeto, essa é a potência de um artefato artístico. Por isso, a necessidade de ler mulheres e de se produzir criticamente a partir de suas obras, disseminando-as, estudando-as, e fazendo partilhas sobre as discussões encontradas em cada material é um gesto de intervenção, gesto de possibilidade de reescritura da história escrita por práticas violentas.

Por fim, *Descenramentos/Convergências* se manifesta como um livro fundamental para compreender a progressão da crítica feminista literária no Brasil, bem como é um notável articulador que propicia novas discussões no campo dos estudos literários. Referência quando se trata das correlações entre literatura e estudos de gênero, Rita Schmidt oferece ao público leitor uma obra que mais do que o abranger de uma gama de tópicos com os quais a pesquisadora trabalha, também é um registro de vivências que possibilita a formação de novos conhecimentos sobre a vida e a produção das mulheres em suas variadas facetas. Nessas articulações, o livro denota um lugar em que os afetos, a postura política, e o desejo de tornar o conhecimento mais humano sejam pontes para que se possa pensar – e construir, por meio de práticas concretas - um mundo possível, um mundo abarcador de subjetividades plurais. Afinal, pensar a partir das margens é pensar em um mundo que possa vir a ser, enfim, um mundo do ecoar igualitário de todas as vozes.